



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO LARANJA – PROJETO DE PESQUISA

Metodologia rastejante: uma prática de pesquisa para a leitura de *Autobiografia de um polvo*, de Vinciane Despret

Raquel Taffari¹

Que postura corporal uma pesquisa multiespécies convoca? Esta comunicação parte dessa indagação para propor e defender a Metodologia rastejante, uma construção conceitual e prática desenvolvida no âmbito de minha pesquisa de mestrado em Divulgação Científica e Cultural na Unicamp. A proposta central desta apresentação é argumentar que toda metodologia pressupõe uma determinada posição corporal diante do mundo e que, conseqüentemente, deslocar o corpo da pesquisadora significa deslocar também as condições epistemológicas do conhecer. Historicamente, o regime moderno de observação consolidou a imagem do pesquisador como um corpo ereto, distante e orientado ao progresso, operando uma verticalidade que busca a objetividade através do distanciamento. No entanto, diante das atuais crises ecológicas e do esgotamento dos binarismos que separam natureza e cultura, urge questionar como a ciência e a cultura podem ajudar a “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2020) e tornar o amanhã possível, tal como convoca o 13º EDICC.

Nesse cenário, o projeto maior em que esta metodologia se insere busca investigar de que maneira a literatura pode operar como ferramenta de construção de sensibilidades multiespécies, tomando como *corpus* de análise a obra *Autobiografia de um polvo*, de Vinciane Despret. A Metodologia rastejante apresenta-se como um dos gestos políticos e sensoriais que fundamentam essa investigação, compreendendo o rastejar não como um mero ato físico ou um método de extração de dados, mas como um regime de atenção que troca a visão panorâmica pelo contato tátil e a promessa de chegada pela disposição de notar rastros pelo caminho. Conforme aponta Anna Tsing (2025), as narrativas de progresso muitas vezes estreitam nossa atenção, impedindo-nos de perceber as nuances e colaborações que ocorrem nas ruínas do capitalismo. Rastejar, neste contexto, significa aterrar e contaminar-se, abandonando a superioridade vertical para aceitar a animalidade terráquea da própria pesquisadora.

Essa mudança de postura potencializa a análise da obra de Despret, que desafia as fronteiras entre fato científico e ficção especulativa para narrar as múltiplas formas expressivas, saberes e modos de existência de seres mais-que-humanes². A defesa desta comunicação reside na ideia de que a “Leitura rastejante” mostra-se

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas (Bolsista CAPES).
E-mail: taffari.raquel@gmail.com

² O termo “mais-que-humanes” utiliza a linguagem neutra em consonância com a ética da Manada Torcida (GONZÁLEZ; DAVIDSON, 2025). O uso do “e” busca “bagunçar a gramática do mundo”, desestabilizando tecnologias de exclusão para promover uma hospitalidade radicalmente inclusiva a subjetividades animais, existências *crip* (“defeças”) e corpos dissidentes que desafiam a normalidade compulsória.



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



coerente com a proposta de acompanhar rastros que frequentemente escapam a leituras panorâmicas. Ler rastejando envolve desacelerar e mudar de escala, permitindo perceber o que Despret chama de "vibra-berros" das aranhas ou as escritas efêmeras dos polvos como manifestações de subjetividade e inventividade que transbordam as categorias literárias humanas. A fundamentação teórica desta postura metodológica é tecida em um diálogo ético com autorias que ajudam a pensar a pesquisa como uma postura de humildade e compromisso social.

Justifica-se a relevância desta comunicação pelo seu caráter inovador ao propor que o rastejo é o gesto que nos possibilita habitar as "alianças afetivas" propostas por Ailton Krenak (2022), reconhecendo-nos em uma trama de "espécies companheiras" (HARAWAY, 2023) onde o humano não é o centro, mas um nó vibrante. Ao colocar o corpo em jogo, busca-se evidenciar a potência da arte literária como um dispositivo de divulgação científica e cultural capaz de construir imaginários ecológicos plurais, demonstrando que a literatura, ao *escrever-com* os animais, inventa condições para que novas formas de atenção e convivência se tornem experienciáveis. Conclui-se que a Metodologia rastejante é uma das dimensões fundamentais da pesquisa: uma aposta na decolonização do saber e uma abertura para a multiplicidade de mundos possíveis que coexistem nas frestas do presente, essenciais para a composição de amanhãs multiespécies vibrantes.

Palavras-chave: Metodologia rastejante; Leitura; Multiespécies; Animalidades; Vinciane Despret.

REFERÊNCIAS

DAVIDSON, Martina. *Mundos multiespécie: resistir e rastejar com animalidades indisciplinadas*. São Paulo: Nigra Koro, 2026.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou* (A seguir). Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DESPRET, Vinciane. *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.

GONZÁLEZ, Anahí Gabriela; DAVIDSON, Martina. Manada torcida. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade* (LECA), Foz do Iguaçu, v. 12, n. 1, p. 10-15, jun. 2025. Disponível em: <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/553>. Acesso em: 6 ago. 2026.

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias*: pesquisa e povos indígenas. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo*: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: n-1 edições, 2025.